

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NO ENSINO
SUPERIOR

PATRICIA DA SILVA NONNENMACHER

EDUCOMUNICAÇÃO E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

CRICIÚMA

2011

PATRICIA DA SILVA NONNENMACHER

EDUCOMUNICAÇÃO E OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE

Monografia apresentada à Diretoria de Pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, para a obtenção do título de especialista em Docência no Ensino Superior.

Orientadora: Prof. MSc. Nádia Couto

CRICIÚMA

2011

**Dedico a William e Letícia, que souberam
entender as minhas ausências e sempre
apoiaram e me deram forças nos momentos
mais difíceis.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, sem Ele não teria forças para lutar pelos meus objetivos. Dizem que Ele escreve certo por linhas tortas... Quem diria que eu seguiria o caminho da Educação?

Agradeço aos meus pais, meus primeiros educadores, que me ensinaram, na prática, a importância dos valores, da moral, da ética, do comprometimento, da responsabilidade, entre outras lições. Minha mãe, exemplo de educadora, dedicada, que sempre amou seus educandos e a sala de aula, que nunca mediu esforços para tentar melhorar a sua prática, é modelo que eu me orgulho em seguir.

A todos os meus educadores, pois me considero uma privilegiada. Pude conviver com grandes mestres, que já utilizavam uma prática diferenciada, para uma época bastante tradicional. Tia Nice, tia Sibebe, tia Jussara, professora Juçara, professora Ivonete, são algumas que me recordo.

A jornalista, professora e amiga Nádia Couto, que aceitou o desafio de orientar este trabalho. Obrigada pela dedicação e pelas palavras de apoio, quando eu mais precisei.

Aos professores da Pós, que contribuíram para a mudança que ocorreu em minha vida, que me fizeram pensar sobre o caminho da educação e suas possibilidades.

A equipe do Centro Social Marista Ir. Waldir, que acreditou no meu trabalho e possibilita a minha experiência na área da educomunicação.

A minha família. Meu marido William, que sempre esteve do meu lado, em todos os momentos, e a minha filha Letícia, que sempre soube entender as minhas faltas.

Enfim, a todas as pessoas que de alguma maneira contribuíram para a concretização deste projeto, muito obrigada.

“Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”.

Rubem Alves

RESUMO

Para muitos, o neologismo Educomunicação pode parecer uma mera junção entre Educação e Comunicação, ou a utilização dos meios de comunicação na prática pedagógica. Porém, defendemos a Educomunicação como um novo campo de conhecimento, que tem um objetivo muito mais amplo, que tem a capacidade de entrecruzar saberes sendo um instrumento de transformação social. O objetivo desta pesquisa é a compreensão deste novo campo, bem como entender quais são os desafios dos profissionais para que a Educomunicação seja uma prática possível. Para a concretização deste trabalho, foi aplicada pesquisa com as acadêmicas da oitava fase de Pedagogia, com o intuito de observar qual a visão destes futuros profissionais, ou já atuantes na área, sobre o conceito de educomunicação. Percebemos que os desafios são muitos, e que a palavra-chave é conhecimento e informação para buscarmos esta prática social tão importante para a construção de uma nova sociedade.

·
Palavras-chave: educação, comunicação, educomunicação
·

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A EDUCAÇÃO E O CONTEXTO ATUAL	16
3 A COMUNICAÇÃO E UM NOVO CENÁRIO	20
4 EDUCOMUNICAÇÃO	24
4.1 O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO?	25
4.2 EDUCOMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	27
4.3 IMPARCIALIDADE QUE NÃO EXISTE	29
5 O DESAFIO DO DOCENTE NA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA	32
6 METODOLOGIA	39
7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	40
8 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICE.....	54
ANEXO.....	57

1 INTRODUÇÃO

Pesquisadores apontam a existência de um novo campo de reflexão e trabalho conceituado educomunicação. Com isso surge a necessidade de se formar ou capacitar profissionais educadores. Mário Káplun, desde os anos 80, já utilizava o termo, que foi ganhando força, ampliado, reformulado, seguiu novas direções e nos últimos anos, no Brasil, está amparado e tomando o seu espaço com pesquisas realizadas em diferentes instituições de ensino.

Esta pesquisa desenvolve o estudo da utilização dos meios de comunicação e tecnologias da informação como ferramenta de ensino, dentro da perspectiva da educomunicação, que busca, além da melhoria no processo ensino/aprendizado, uma mudança de realidade e irá apontar quais os desafios dos docentes para esta prática.

Não podemos negligenciar a presença dos meios de comunicação no cotidiano das pessoas e como exercem influência sobre elas. O educador deverá aparecer neste novo contexto, buscando entender os processos midiáticos e, acima de tudo, estimular reflexões críticas sobre o conteúdo e a realidade em que seus educandos estão inseridos.

Um momento em que a utilização dos meios de comunicação e da tecnologia da informação proporcionará ambientes de aprendizagem que vão além da aquisição dos conhecimentos escolares. Um educador que deve, portanto, estar aberto a novas metodologias, ser criativo para se adaptar a situações distintas e inusitadas, interessado em atualizar seus conhecimentos e, principalmente, constituir uma visão consciente dos meios de comunicação e novas tecnologias.

Porém, apesar de todas as mudanças sociais, econômicas e tecnológicas que ocorrem no mundo, é grande a resistência de profissionais da educação quando se fala em mudanças de metodologia. Junto às tecnologias educacionais deve andar a formação permanente. Por isso, a aprendizagem torna-se desafio contínuo e é fundamental que os profissionais se preparem para novos desafios, buscando mais do que os procedimentos atuais escolares, em geral instrucionistas (DEMO, 2006).

Refletir e propor ações para que os educadores utilizem essas inovações que tanto agradam os educandos deve ser a provocação que move um educador atualmente, principalmente utilizar os recursos de forma adequada, promovendo uma reflexão sobre sua prática. Gadotti (2003, p. 39) alerta que falar em professor

reflexivo pode ser uma redundância, porque não basta para o educador ser reflexivo, é preciso que ele dê sentido a essa reflexão. A reflexão deve ser crítica.

A tecnologia da informação em muitas profissões tornou-se uma ferramenta importante e todas as suas inovações já fazem parte do cotidiano da sociedade. Na educação, contudo, seus avanços ainda não chegaram à maioria, tornando assim a tecnologia um fator de exclusão social para a maior parte da população.

Gadotti (2003) ressalta que o professor, para o exercício de sua função, não depende da tecnologia exclusivamente. Nem tudo muda para ele mudando a tecnologia que utilizar. “No novo contexto de impregnação da informação ele precisa continuar sua formação ao longo de toda a vida e ‘saber ser, saber aprender, saber conviver, saber fazer’, como diz a UNESCO” (GADOTTI, 2003, p. 41)

Uma questão importante a ser discutida refere-se à postura do educador frente a esta nova realidade. Além de estarem abertos às novas tecnologias, estes profissionais devem ter uma atitude crítica frente aos fatos ocorridos em sociedade, promovendo em sala de aula debates sobre ética, política, democracia e direitos, visando à formação para a cidadania. Mais do que a utilização das ferramentas comunicacionais no ensino, a educomunicação vem criar um ambiente propício ao diálogo e ao relacionamento interpessoal, um “ecossistema educ comunicativo” (SOARES, 2011, p. 44).

No ano de 2010 aceitei um desafio que mudou a minha vida. Como jornalista, participei de um processo seletivo para a vaga de Educador Social de Comunicação, para atuar em um projeto social realizado pelo Centro Social Marista Ir. Walmir, com aproximadamente 200 crianças e adolescentes, dentro do bairro Renascer, em Criciúma, atuando com crianças e adolescentes em risco de vulnerabilidade social.

As crianças e adolescentes permanecem no Centro Social no contraturno escolar, local que integra oficinas de Informática Educativa, Meio Ambiente e Cidadania, Jogos Cooperativos, Expressão Musical e Expressão Corporal, além da Comunicação. Era a única jornalista, em meio a outros profissionais da educação, em sua maioria pedagogos. Ao final, fui escolhida para a função e comecei a que questionar por quê.

Assim que iniciei meu trabalho, já percebi o quanto seria difícil, pelo fato de não ter a experiência pedagógica, para atuar neste ambiente educacional, mas

também pensando que seria difícil um profissional da educação reunir as competências que possuía como jornalista, relacionada ao entendimento das mídias. Neste contexto de educação não formal, o aprendizado ocorre de forma significativa. Mediar o processo de construção de conhecimento destas crianças e adolescentes sobre o conteúdo midiático, ou seja, ajudá-los a ter uma visão crítica e reflexiva de tudo o que é passado pela mídia requer conhecimentos, competências e habilidades específicas, sobretudo, muita reflexão e busca de formação.

Os educandos já estavam adiantados no processo, pois quando entrei já me foi apresentada a primeira edição do jornal elaborado por eles, junto à Oficina de Informática Educativa, que devem andar totalmente engajadas. Integrei-me a um dos principais projetos da oficina Chamado Voz Ativa. Este consiste em fazer dos educandos participantes ativos nas decisões e aplicações dos projetos educacionais, ou seja, protagonista de todo o processo.

Editamos outras edições do jornal, e contribuí com minha experiência. O jornal recebe o nome de Ir. Walmir em Ação, e é inteiramente construído por eles, dentro das oficinas; implantamos a Rádio Voz Ativa, que funciona três vezes na semana, no espaço do intervalo, em que os grupos ficam responsáveis em elaborar toda a programação, bem como conteúdo, estimulando assim a linguagem escrita e oral, além da criatividade; mediamos o processo de eleição dos representantes de turmas, sendo que estes participam intensamente nas decisões dos procedimentos pedagógicos, auxiliando e dando sua contribuição nos processos, entre outros.

Cito como exemplo um documentário elaborado pelas crianças e adolescentes sobre o lixo, mediado por um educador, que pode ser mais significativo aos educandos do que o professor em sala de aula explicar sobre problemas de ordem mundial. Por meio da produção audiovisual eles poderão verificar o problema do lixo na própria comunidade, a questão do depósito do lixo à beira do rio e relacionar com o problema das enchentes que eles mesmos vivenciam. E mais, poderão levar estas informações para casa, atuando como multiplicadores de cidadania.

Mas para que a educomunicação aconteça é importante que os profissionais estejam preparados para esta realidade, pois os desafios são muitos. Existem professores, ainda hoje, alheios à tecnologia. Enquanto educandos falam em Orkut, twitter, facebook, blog e navegam pela Internet, educadores correm atrás do prejuízo. Além de saber utilizar da tecnologia, os profissionais também devem

estar preparados para ensinar os educandos sobre os perigos que podem estar por trás de tanta interatividade.

Com educadores distantes da tecnologia e de seu uso, eles se distanciam cada vez mais dos educandos, que por sua vez consideram as escolas chatas e vazias de aprendizagens significativas. Por isso considero de fundamental importância a questão da formação ou capacitação de educadores para atuarem na educação formal e não formal. Será que os cursos de licenciatura das instituições de ensino superior estão atentos a esta nova realidade e ampliando a visão de nossos futuros professores para o mundo da educação? Serão estes profissionais diferenciados que promoverão, em longo prazo, uma mudança de realidade que esperamos.

O aluno quer saber, mas ele não quer aprender, não quer aprender o que lhe é ensinado e nem como lhe é ensinado. E o conflito, o desinteresse, a indisciplina, a violência nas escolas está crescendo. A escola precisa estar atenta às mudanças profundas que o contexto midiático contemporâneo está provocando na cabeça de crianças e jovens. (GADOTTI, 2003, p. 50).

Citelli (2006, p. 2) faz a reflexão de que o educador não é apenas um agente que liga interfaces, que pensa em novas tecnologias, mas, sim, um profissional preparado para a atualidade, que surge em decorrência dos imperativos de uma nova ordem histórica, social, cultural e econômica com conhecimentos recolhidos nos estudos da educação e da comunicação. E, neste contexto, a pergunta que não quer calar: quais são os desafios dos educadores frente a uma nova realidade?

Buscar uma resposta a esta pergunta é o que motiva esta pesquisa, que tem como objetivo geral analisar quais são os desafios dos docentes para a promoção de uma prática educacional e transformadora e se estes professores/educadores estão preparados para atuar frente a esta nova proposta educacional. Além disso, compreender a educação como um novo campo do conhecimento, descrever as perspectivas deste novo campo e mostrar como a prática educacional pode ser um instrumento de transformação social.

Para a realização deste estudo, foi elaborado e aplicado questionário com acadêmicas da oitava fase de Pedagogia. O enfoque era perceber se as futuras profissionais pedagógicas, ou mesmo as que já atuam na área, estão preparadas para

atuar em uma nova realidade e se elas conhecem os desafios que estão propostos nesta sociedade conhecida como Sociedade da Informação.

O primeiro capítulo aborda a Educação e o contexto atual, buscando reforçar que vivemos num tempo diferente e que, muitas vezes, o professor/educador não está se dando conta disso. É um momento de implementar práticas buscando o melhor aproveitamento dos seus alunos, de promover a relação entre educação, informação e tecnologia.

O segundo capítulo trata da comunicação e sua importância nas diversas esferas, inclusive no contexto educacional. Se tudo é comunicação, é contraditório não entender a sua dinâmica, porque o professor precisa, sim, compreender como é o processo comunicacional - e aqui nem me refiro às *Mídias* – para conseguir a interação com o aluno.

O terceiro capítulo foca no conceito educomunicação e a fundamentação teórica que sustenta esta teoria, buscando conceituá-la como uma nova área do conhecimento, sustentado por autores que aprofundaram o tema. No quinto capítulo aborda-se os Desafios dos Docentes na Prática Educomunicativa, que devem buscar conhecimentos para uma prática cidadã em tempos marcados pela influência da comunicação. No capítulo sete, a análise dos dados coletados vai confirmar algumas reflexões colocadas em debate por alguns autores, principalmente no que se refere ao desafio dos profissionais.

2 A EDUCAÇÃO E O CONTEXTO ATUAL

Educação é um tema bastante complexo, que se fundamenta em diversas teorias. Neste capítulo, será abordado como a educação, ou melhor, o processo da construção do conhecimento deve ser encarado sob a ótica de uma nova realidade. Conforme a Lei 9394/96 – que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - em seu artigo 1º, “a educação abrange processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Porém, é preciso entender a Educação como algo mais amplo, pois tem influência das diversas culturas da sociedade. É um processo contínuo que ocorre em diversos contextos sociais, possibilitando a construção de novos conhecimentos, o crescimento pessoal e o melhor relacionamento do indivíduo na família, escola, comunidade, sociedade. É por meio de trocas e vivências que se amplia o conhecimento, transformam-se ações e a maneira de ver e sentir o mundo.

Quando se fala em educação escolar, logo o pensamento foca-se no desenvolvimento do educando por meio de uma prática pedagógica que o possibilite ser o sujeito de sua própria história, desenvolvendo competências e habilidades frente aos desafios atuais. Segundo Martin-Barbero (2011, p. 133), “a construção de cidadãos significa que a educação tem que ensinar as pessoas a ler o mundo de maneira cidadã”.

A concepção de educação, que permite o desenvolvimento da competência do educando para construir conhecimentos sobre si mesmo e sobre o mundo através da interação, possibilita a construção coletiva de parâmetros e diretrizes ao trabalho escolar. Como a interação assume um papel fundamental na construção dos conhecimentos, o papel fundamental do educador é ser mediador desse processo, possibilitando ao educando oportunidades e condições de enfrentar desafios a sua aprendizagem, pois, aprendemos dos outros e com os outros, sustenta Vygotsky em sua abordagem sociointeracionista para explicar a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Para Vygotsky, o desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro. É no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o conseqüente desenvolvimento do indivíduo. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999)

A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo novo, apropria-se da cultura, do que a humanidade já produziu.

Tomando como base a história da educação, a relação entre os dois campos do saber, Educação e Comunicação, ocorre a partir do movimento Escola Nova, que chega ao Brasil no início do século XX, revoluciona a educação e coloca o aluno como centro do processo pedagógico, em lugar do professor, como era referenciado pela pedagogia tradicional, ainda presente na maioria das escolas brasileiras.

Enraizada na sociedade de classes escravista da Idade Antiga, destinada a uma pequena minoria, a educação tradicional iniciou seu declínio já no movimento renascentista, mas ela sobrevive até hoje, apesar da extensão média da escolaridade trazida pela educação burguesa. A educação nova, que surge de forma mais clara a partir da obra de Rousseau, desenvolveu-se nesses últimos dois séculos e trouxe consigo numerosas conquistas, sobretudo no campo das ciências da educação e das metodologias de ensino. O conceito de "aprender fazendo" de John Dewey e as técnicas Freinet, por exemplo, são aquisições definitivas na história da pedagogia. Tanto a concepção tradicional de educação quanto a nova, amplamente consolidadas, terão um lugar garantido na educação do futuro. A educação tradicional e a nova têm em comum a concepção da educação como processo de desenvolvimento individual. Todavia, o traço mais original da educação desse século é o deslocamento de enfoque do individual para o social, para o político e para o ideológico. (GADOTTI, 2000, p. 4)

A educação chega ao século XXI com uma riqueza de serviços prestados à humanidade, porém, sem ter gestado e gerenciado processos de inter-relação cultural que a coloque em harmonia com um mundo novo que a rodeia.

Em 1996, a LDB introduziu a ideia de que a educação não se limita à escola e aos meios formais/intencionais com os quais trabalha, mas é um campo amplo e encontra-se em processo na família, nas relações sociais, no trabalho, na sociedade, na cultura e nos meios de comunicação presentes nestes ambientes.

Complementando a LDB, são instituídos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que enfatizam uma educação para a cidadania e incorporam questões importantes que devem ser levadas para a discussão em sala de aula, ou seja, os temas transversais, como ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural, entre outros, que envolvem problemáticas sociais atuais, fazem parte do cotidiano e devem ser contemplados numa perspectiva de interdisciplinaridade.

Ao abranger tantos temas, os PCNs propõem que a escola seja um espaço de discussões democrático para a construção de um cidadão crítico e reflexivo. Por outro lado, exige um educador com atitude e postura que correspondam a estas intenções.

Conforme Martín-Barbero (2011), as licenciaturas são ainda concebidas segundo uma estrutura segmentada e têm por objetivo promover competências docentes em condições de responder às solicitações disciplinares que constituem os currículos do ciclo básico continuado.

O problema está em saber se a escola vai ser capaz de ensinar a ler livros não só como ponto de chegada, mas também de partida para a outra alfabetização, a da informática e das multimídias. Isso implica pensar se a escola está formando o cidadão que não só sabe ler livros, mas também noticiários de televisão e hipertextos informáticos. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 130)

Por sua vez, a educação, entre outras dimensões, implica um educar-se a si mesmo. Como diz Kaplún (2011), educar-se é envolver-se em um processo de múltiplos fluxos comunicativos. O sistema será tanto mais educativo quanto mais rica for a trama de interações comunicacionais que saiba abrir e pôr à disposição dos educandos. Uma comunicação educativa concebida a partir dessa matriz pedagógica teria como uma de suas funções capitais a provisão de estratégias, meios e métodos destinados a promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos educandos. Esse desenvolvimento supõe a geração de vias horizontais de interlocução.

O modelo predominante é vertical, autoritário na relação professor-aluno e linearmente seqüencial no aprendizado. Introduzir neste modelo meios e tecnologias modernizantes é reforçar ainda mais os obstáculos que a escola tem para se inserir na complexa e desconcertante realidade de nossa sociedade. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 123)

Está aí o cerne da questão da educação para a cidadania nos movimentos sociais na inserção das pessoas num processo de comunicação, em que ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, pode educar-se através de seu engajamento em atividades concretas inserida em novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas.

Tudo isso diz respeito a uma mudança de postura, de uma “cultura do silêncio” das majorias, como já disse Paulo Freire (1981), ou a cultura da submissão,

do cidadão ausente, de um cidadão sem voz para uma nova cidadania, como esclarece Martín-Barbero (1999).

É importante refletir sobre uma mudança e inserção da tecnologia no contexto educativo, sem antes mudar o modelo de comunicação que predomina no contexto escolar.

3 A COMUNICAÇÃO E UM NOVO CENÁRIO

Neste capítulo aborda-se a importância da comunicação, sua relação histórica com a vida em sociedade e como a comunicação vem sendo entendida neste momento. A comunicação representa um dos fenômenos mais importantes da espécie humana. A partir do momento em que o homem se entendeu como um ser social, que é como uma ilha, cercado de cultura por todos os lados, repleto de interações sociais, ele passou a entender a comunicação. Ela está em todos os momentos, desde o nascimento, quando o bebê usa o choro para expressar a chegada ao mundo, até o aprendizado das primeiras palavras para expressar os desejos; ou o entendimento da importância de um abraço, ou do que poderá estar explícito num olhar mais repressivo de uma bronca de pai.

Compreender a comunicação implica ainda voltar no tempo, buscar as origens da fala, o desenvolvimento das linguagens e verificar como e por que ele se modificou e se modifica ao longo da história. Desde o tempo das representações escritas primitivas, até os dias de hoje, da era digital e comunicação em rede, o homem sempre expressou o seu desejo de interagir.

A comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida em sociedade. Sociedade e comunicação são uma coisa só. Não poderia existir comunicação sem sociedade, nem sociedade sem comunicação. A comunicação não pode ser melhor que sua sociedade nem esta ser melhor que sua comunicação. Cada sociedade tem a comunicação que merece (BORDENAVE, 1982, p. 16-17).

A importância da comunicação para a vida humana pode ser dimensionada por meio de um exercício simples: listar todos os momentos em que ela ocorre durante um dia inteiro na vida de uma pessoa. A lista pode ser longa, desde o primeiro “bom dia” até a hora de ir dormir. A comunicação se confunde com a vida de todos nós, e tem sido assim desde o princípio da história humana.

A escrita mostrou ser uma forma eficiente de levar mensagens a longa distância. Com o desenvolvimento técnico da sociedade e dos recursos disponíveis, as mensagens escritas puderam ser transportadas de barco, veículos automotores, avião, ondas eletromagnéticas, entre outros meios. No mundo contemporâneo estão, ao alcance da maioria, sofisticados meios de comunicação e informação, baseados no extraordinário desenvolvimento científico-tecnológico desse campo nas

últimas décadas: telégrafo, correios, telefones fixos e móveis, rádio, TV, satélites artificiais, internet e outros. Alguns deles atingem milhões de pessoas simultaneamente, como é o caso da TV.

No seu conceito mais tradicional, a comunicação incide no ato de emitir, transmitir ou receber mensagens, seja por meio de sons, sinais, gestos ou por meio da linguagem oral e escrita. Para ser completa, é preciso haver um emissor, que produz e envia a mensagem, e um receptor, que recebe e decodifica essa mensagem, procurando apreender o seu conteúdo. Este esquema informacional foi proposto por C. Shannon, engenheiro da Bell System, em 1949, e a eficácia deste esquema para explicar o processo de transmissão de informação entre emissor e receptor foi de tal maneira naturalizada que passou a ser adotada tanto pelos críticos quanto pelos funcionalistas.

Autores como Martín-Barbero defendem que o modelo convencional do emissor para o receptor, ainda hegemônico, já está bastante debilitado, por isso é preciso repensar todo o processo de comunicação. “Falar de comunicação significa, em primeiro lugar, reconhecer que estamos numa sociedade em que o conhecimento e a informação têm tido papel fundamental, tanto nos processos de desenvolvimento econômico quanto nos processos de democratização política e social” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 123).

Vale ressaltar que quem recebe a mensagem não é um ser passivo, que apenas absorve informações. Direta ou indiretamente, o receptor exerce influência sobre quem transmite a mensagem. Para ser compreendido, o emissor precisa saber em que condições sua mensagem será recebida.

Com o avanço tecnológico, esse pensamento vale também para meios de difusão de informações como o rádio e a TV: o ouvinte ou o telespectador não fala diretamente com o emissor, mas de alguma forma pode interferir na programação por meio de pesquisas de audiência. Com a internet, os sistemas interativos com o público tornam-se cada vez mais frequentes, podendo o público opinar, inclusive, no que se refere à programação e conteúdo. Sem pensar na comunicação como um processo de inter-relação e interação não se pode entender o que se passa atualmente na sociedade, principalmente nesta velocidade em que circulam as informações. (FÍGARO, 2011)

A mensagem é formada por uma estrutura organizada de sinais que viajam entre o transmissor e o receptor. Esse caminho é percorrido com a ajuda de

um meio ou suporte, que pode ser a fala, a escrita impressa em um papel, um sinal sonoro, uma placa, um mapa, uma transmissão de rádio.

Ao longo do tempo, os grupos humanos sempre buscaram meios para superar as distâncias espaciais e estabelecer interações sociais, levando cada vez mais longe as mensagens por meio de sinais sonoros, visuais ou escritos. Assim, a comunicação não existe separada da vida social. Não existe comunicação sem sociedade e vice-versa.

Estudos de recepção propõem uma abordagem diferenciada dos meios de comunicação, vendo-os no processo de interação social. Pensar a comunicação a partir da recepção permite entender o papel dos meios de comunicação na vida da sociedade contemporânea, como eles atuam no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades e culturas. Possibilita sair da oposição emissor todo-poderoso versus receptor passivo, ou por outro lado, emissor neutro versus receptor/consumidor todo-poderoso (FÍGARO, 2011, p. 91)

E para que haja comunicação é preciso que os interlocutores tenham uma memória comum, participem de uma mesma cultura, pois são as referências que vão traçando percursos de leitura. Por isso dizemos que a comunicação está inundada na cultura. Hoje se sabe que os receptores se tornam coprodutores do produto cultural. São eles que o (re) vestem de significado, possibilitando a atualização de leituras, o rompimento de caminhos preestabelecidos de significados, a abertura de trilhas que poderão desaguar em reformulações culturais.

Com um tempo próprio (o presente) e um espaço desterritorializado (o ecossistema virtual ou ciberespaço), a comunicação de massa mantém, como garantem os estudos de recepção, um pé na realidade, ainda que seja um universo fluido do imaginário e das paixões humanas. A comunicação de massa faz as pessoas sentirem-se, de alguma forma, cidadãos de um mundo em mutação. (SOARES, 2011, p. 17)

Em seu artigo, Martín-Barbero (2011) ressalta que “inovações no campo da Comunicação colocam desafios para a educação, que não devem ser menosprezados, quando se pretende a construção da cidadania” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 121). Para o autor, falar em comunicação significa reconhecer que a sociedade do conhecimento exerce papel fundamental nos processos de desenvolvimento econômico e democratização política e social. O primeiro movimento, estratégico, na sua visão, mais do que a intervenção de cada meio, é a

junção da educação e comunicação, formando sim um ecossistema comunicativo, “tão vital como o ecossistema verde, ambiental”.

A atitude defensiva da escola e do sistema educativo está levando-os a desconhecer ou disfarçar o fato de que o problema de fundo está no desafio que lhe é apresentado por um ecossistema comunicativo, do qual emerge outra cultura, outro modo de ver e ler, de aprender e de conhecer [...]. Nossas escolas não estão sendo um espaço no qual a leitura seja um espaço de criatividade e prazer, mas sim no qual a leitura e escrita se associam a tarefa obrigatória e chata. Castradora inclusive. (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 128)

Considerando o sentido de educação como o processo de apropriação da cultura das sociedades, que nesse processo as novas gerações interpretam valores, conhecimentos, crenças, comportamentos e condições materiais de vida criando novos sentidos para os que recebem e assim transformam a cultura, não dá para negar que a mídia educa. Sempre educou, independentemente de ser mais ou menos abundante e intensa na vida social.

4 EDUCOMUNICAÇÃO

Pensar em educomunicação é pensar numa prática inovadora, voltada para atender uma demanda atual, interessada em tecnologia e que vive a era da informação. Este capítulo aborda este movimento, suas origens, sua fundamentação teórica e seus objetivos.

Não podemos dizer que é recente o uso das técnicas do jornalismo e comunicação no processo de ensino/aprendizagem. Como o próprio nome sugere, a educomunicação é uma área que integra os saberes da Pedagogia e das Ciências da Comunicação. A proposta não é nova (educomunicação), porém observam-se, neste contexto, os meios de comunicação sendo utilizados na educação apenas como ferramenta, isto é, compreendidos erroneamente como um meio para um fim pedagógico.

A Educação Escolar e a Comunicação Social até pouco tempo eram tratadas como áreas distintas, com suas especificidades, papéis a representar e funções bem delineadas. O neologismo Educomunicação, que pode parecer uma mera junção de Educação e Comunicação - e, por falta de conhecimento, a maioria dos docentes ainda a enxerga assim - na realidade não apenas une as áreas, mas ressalta um terceiro termo, a ação.

Trata-se, então, de um espaço onde ocorre uma transversalidade de saberes historicamente constituídos. Caracteriza ou é específico desse campo chamado de Educomunicação a sua capacidade de entrelaçar saberes, promovendo a interlocução ou a conversa entre os que constroem e/ou se utilizam desses saberes.

Por isso, comunicação/educação inclui, mas não se resume a educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso das tecnologias em sala de aula, formação do professor no trato com os meios, etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado, devidamente conhecido e criticado. Nesse campo cabem: do território digital à arte – educação, do meio ambiente à educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, cibercultura, etc. Tudo percorrido com olhos de congregação das agências de formação: a escola e os meios, voltados sempre para a construção de uma nova variável histórica. (BACCEGA, 2011, p. 32)

4.1 O QUE É EDUCOMUNICAÇÃO?

Para muitos, o neologismo educomunicação trata do uso das mídias no ensino. Mas o termo trata de algo bem mais abrangente, pois nem sempre que um docente recorre as tecnologias da comunicação para ensinar está promovendo um processo educ comunicativo. É preciso que haja uma leitura crítica da mídia, visando à formação de cidadãos críticos e ativos, com uma postura de enfrentamento da realidade em que estão inseridos.

Schaun (2002, p. 82) conceitua a Educomunicação como “uma ação política voltada para o aporte da consciência ética e uma pragmática direcionada para as transformações da sociedade [...] a ação educ comunicativa é uma releitura das utopias sociais impulsionada pela motivação transformadora do *status quo* [...], propõe a credulidade no ser humano, no seu permanente encontro com o outro”.

Quando a autora comenta a questão pragmática da Educomunicação entende-se a possibilidade de tomada de consciência dos atores sociais na comunidade escolar. Realça também os laços humanos, que na maioria das vezes ficam esvaziados por uma postura burocrática visível nas escolas.

As motivações que levam profissionais do mundo inteiro a trabalhar na junção comunicação/educação são permeadas pelas utopias sociais. Os educ comunicadores, como passam a ser conhecidos, são indivíduos que acreditam na mediação da comunicação com e para a educação enquanto ação política de intervenção no social fragmentado e complexo da pós-modernidade, estruturado na lógica do poder econômico-financeiro internacional e do fenômeno da globalização. (SCHAUN, 2002, p. 81)

Os vínculos humanos entre escola e comunidade vão formar o ecossistema educ comunicativo. São sujeitos neste processo: os atores educacionais – professores, alunos, funcionários, equipes técnicas; os atores sociais da comunidade – pais de alunos, moradores do bairro.

A educomunicação, como já foi mencionado, tem como objetivo educar cidadãos críticos para uma leitura dos meios de comunicação. Ao utilizar a mídia em sua prática, o educador tem em mãos uma diversidade de temas que permitem contemplar inúmeras discussões sobre a sociedade.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de

assumir-se. Assumir-se como um social e histórico, como um ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos... (FREIRE, 1996, p. 46)

Porém, a realidade está muito distante do que conceitua a educomunicação. Em sala de aula, muitas vezes, o professor reproduz o modelo desgastado de aula expositiva, onde só ele fala e os alunos absorvem – de forma passiva.

A partir do avanço das novas tecnologias midiáticas, as chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) passam a exercer interferência no modelo escolar. Áreas da Comunicação e da Educação começam a confluir, surge outro campo de saber – já conceituada como Educomunicação - que vai facilitar a construção do verdadeiro cidadão-pleno, capaz de intervir no curso tanto de sua vida como no da sociedade. Esse novo campo é interdiscursivo, interdisciplinar e mediado por tecnologias da informação.

A discussão das relações entre a comunicação e a educação é bastante pertinente neste momento, pois entendemos que toda a atividade comunicativa é uma atividade educativa e que por sua vez, deverá promover a garantia dos direitos dos cidadãos. Por este aspecto, evidenciamos que o sistema educacional brasileiro, ainda, encontra-se distante da nova realidade educacional. É possível observar que a grande linha que divide o país que domina a tecnologia na área das comunicações do país não consegue assumir com qualidade a função de ensinar as suas crianças a ler e escrever, denunciando uma discrepância não somente técnica, mas também econômica e social.

Conforme Soares (2011, p. 66-67), a primeira geração de educadores é constituída por personagens que – por sua atuação e reflexão teórica – podem figurar como os precursores do campo, representados por dois nomes latino-americanos: Paulo Freire e Mario Kaplún. A segunda geração integra especialistas do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Escola da Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (1997 – 1999), que foram inclusive convidados pela UNESCO a sistematizar suas experiências no campo comunicação e educação.

A terceira geração congrega profissionais que no início do ano 2000 atuavam na área em organizações da sociedade civil e no ensino formal e se dispõem a formação de novas gerações de profissionais. A quarta geração é

representada por jovens universitários, vocacionados para o novo campo, já atuando em projetos e autoproclamando-se autênticos educadores. Cabe salientar que a USP possui o curso de licenciatura em Educomunicação, formando profissionais para desenvolver habilidades para cobrir as demandas de três diferentes âmbitos de ação: o magistério (professor da área da comunicação), a consultoria (o assessor para projetos de comunicação educativa) e a pesquisa (analista e sistematizador de experiências em educomunicação).

4.2 EDUCOMUNICAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

No país experiências que corroboram a potencialidade da comunicação e da educação nos processos de transformação social têm se tornado cada vez mais notáveis. Estas duas áreas se completam e são fundamentais na formação política de uma sociedade e unidas têm o papel de contribuir para seu desenvolvimento. O que se percebe na prática é a distância entre a teoria e o exercício prático dessas duas áreas, sobretudo no que diz respeito ao papel do Estado.

Teóricos e ativistas na batalha pela democratização da comunicação acordam pela necessidade de se pensar outro modelo de comunicação para o Brasil. Tal ideia se embasa na discordância com o modelo atual, sustentada por estruturas pouco democráticas que orientam a prática comunicativa tanto no âmbito dos meios de comunicação quanto nas estruturas públicas como um todo. Paralelamente a isso, faz-se necessário refletir o sistema educacional vigente no país, considerando que a escola deve exercer uma função social para além do ensinar a ler e a escrever e contribuir com a formação de sujeitos sociais críticos.

A comunicação de massa, a comunicação popular e comunitária são, juntamente com a educação, responsáveis pela formação política, social e cultural de toda a população na sociedade contemporânea. Para Guareshi (2004), os meios de comunicação são indispensáveis na criação, transmissão, mudança, legitimação e reprodução das culturas. Soares (2011, p.35) expõe a inter-relação entre a comunicação e a educação, resultando em um novo campo teórico-prático de intervenção social, a educomunicação, colocada pelo autor como “caminho para a cidadania”.

Falar de cidadania é falar sobre o direito de comunicar. Não podemos pensar apenas em participação política e acesso aos meios de vida. Devemos entender como um movimento mais amplo de entendimento da própria atuação e das potencialidades dessa atuação na sociedade e para a sociedade. Não falamos apenas de acesso aos direitos e deveres, de acesso à informação, mas na articulação desse conhecimento para uma ação criativa e transformadora, transformadora em si e fora de si. Neste cenário, se faz necessário repensar o processo ensino/aprendizagem. Se entendermos a educação como um processo de construção de consciência crítica, a análise dos diferentes conteúdos midiáticos fornecerá ao educador elementos para o enriquecimento do debate em sala de aula.

Podemos verificar o crescimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), como importantes instrumentos de mediação das relações humanas e de construção do conhecimento. Nesse sentido, a construção de uma nova estrutura social – que tem por base uma educação formadora de indivíduos conscientes e uma comunicação realmente democrática – passa também pela utilização da tecnologia como elemento essencial nesse processo.

A educação formal pouco tem se servido das possibilidades oferecidas pelas inovações da tecnologia. É necessário avançar na reflexão quanto ao uso adequado das TICs. Muito comum, por exemplo, ter nas escolas equipamentos eletrônicos utilizados de forma inconsistente (como televisores, aparelho de DVD, computadores, etc). A comunicação ainda não é abordada como conteúdo paralelo na educação formal e para que ocorra é preciso que as instituições de ensino conheçam a produção da comunicação e o uso educativo que pode ser feito das TICs.

Portanto, investimentos em formação docente se tornam fundamentais, visto que a ausência da capacitação técnica e, principalmente, da formação política de professores, principalmente no ensino básico, tem sido uma das maiores barreiras para o exercício crítico do magistério. A inexistência desta habilitação implica, por exemplo, um pensamento equivocado de inclusão digital que é trabalhado (quando é) nos espaços de educação formal, sem que se tenha a consciência do viés educativo do uso destas tecnologias. No sentido da democratização da comunicação, a inclusão ocorre quando existe uma tomada de consciência dos sujeitos quanto ao uso da comunicação como forma de organização e desenvolvimento social.

Já as práticas que unem comunicação e educação que se dão nos espaços informais, por sua vez, se constituem amparadas nesta tomada de consciência, à medida que o indivíduo entende e reconhece o poder dessas áreas no processo de transformação social. Se há uma relação entre a teoria e a prática, se há uma intervenção social e uma reflexão sobre esta prática, segundo Soares (2003), pode-se apontar a existência de experiências educomunicativas.

A escola tradicional se afasta cada vez mais do cumprimento de seu papel de agente de uma educação libertadora, que, segundo Paulo Freire, está ancorada na relação dialógica entre educador/a e educando, os quais, juntos, irão construir o conhecimento. A comunicação social, por sua vez, não se distingue de tal realidade, pois também não se mostra no exercício da função social que lhe é atribuída, como, enquanto acadêmicos de Jornalismo, nos é passado na Universidade.

4.3 IMPARCIALIDADE QUE NÃO EXISTE

Os meios de comunicação, teoricamente, propulsores da informação de qualidade, isenta e preocupada com o bem-estar social, na prática, não cumprem por completo este compromisso. Desse descontentamento com a mídia designada “oficial” surge a mídia “alternativa”. De acordo com os estudos de Lorenzon (2009, p. 20), o termo mídia alternativa, inicialmente, aparece “associado à radiodifusão comunitária, como opção aos processos hegemônicos de comunicação, e possui, portanto, relação com a democracia”.

Contudo, nem toda mídia que se apresenta como alternativa à mídia convencional está comprometida com os processos comunicativos horizontalizados. Faz-se necessário destacar como particularidade da comunicação comunitária que esta deva garantir que a população possa ser tanto receptora quanto produtora/emissora de informação.

Assim, a mídia contra-hegemônica, que compreende uma gama de possibilidades de se fazer comunicação, insere-se em um novo modelo proposto no qual deve haver, de fato, a valorização da diversidade sócio-cultural e dos princípios democráticos que devem estar expressos nas formas de construção coletiva. Diante da realidade da comunicação brasileira, há uma premência em se repensar as formas de se fazer comunicação, atentando para sua função educativa. É isso o que

propõe a educomunicação. O engajamento consciente dos indivíduos na estrutura social a qual pertencem.

Este novo campo promove uma reflexão do uso das tecnologias, com o objetivo de instigar o seu uso para promover uma democratização e não em favor da reprodução de um sistema alienante e opressor. Para Soares (2003), a prática educ comunicativa configura-se como um espaço de discussão e cidadania, e assume posição estratégica na organização social. É, portanto, uma forma de enfrentamento às estruturas que manipulam a opinião pública em favor da difusão de uma ideologia dominante, ou seja, em favor dos valores socioculturais e do poder econômico de uma minoria.

Segundo Baccega (2001), a união da Comunicação com a Educação tem metassignificação, partindo do reconhecimento dos meios de comunicação como um outro lugar do saber, vai produzir a ressignificação da escola e do professor. Segundo a autora, o mundo, que sempre esteve em permanente mudança, hoje tem altamente multiplicada a rapidez dessas mudanças, devido ao avanço das tecnologias. É esse o cenário que possibilita o fortalecimento das corporações internacionais e consequente ruptura das fronteiras nacionais, atingindo áreas até então fora do mercado.

Essa realidade tem como sustentáculo os meios de comunicação, mediadores privilegiados entre nós e o mundo, e que cumprem o papel de costurar as diferentes realidades. São os meios de comunicação que divulgam em escala mundial informações (fragmentadas) hoje tomadas como conhecimento, construindo, desse modo, o mundo que conhecemos. Trata-se, na verdade, do processo metonímico - a parte escolhida para ser divulgada, para ser conhecida, vale pelo todo.

É como se "o mundo todo" fosse constituído apenas por aqueles fatos notícias que chegam até nós. Consideramos, porém, que informação não é conhecimento. Poderá até ser um passo importante. Mas o conhecimento implica crítica. Ele se baseia na inter-relação e não na fragmentação.

No momento em que se fala tanto da ressignificação do papel da escola e do professor, a partir da intervenção da tecnologia, é fundamental nos aproximarmos das questões referentes à ideologia que circula nos meios de comunicação, nas redes planetárias e, verificando essa circulação, procurar saber como a ideologia opera nessa realidade (BACCCEGA, 2001, p. 10).

A educomunicação salienta a importância e a necessidade de educar os cidadãos para a recepção crítica e ativa. Um dos caminhos é promover o incentivo à leitura crítica dos meios e a produção e difusão de conteúdos de comunicação pouco convencionais. Um debate que já vem sendo feito há algum tempo atenta para a exigência da inovação pedagógica no âmbito da educação formal, em atenção às novas tecnologias da informação que se multiplicam a cada dia.

Autores concordam que o uso de tecnologias em sala de aula é um ponto de partida importante para a educação, mas é necessário que escolas e professores estejam preparados para lidar com esses recursos para que isso ocorra de maneira efetiva. A tecnologia na educação almeja uma extensão que abrange novas formas de ensinar e de aprender juntamente com uma discussão da sociedade do conhecimento, caracterizada pelos princípios da diversidade, da integração e da complexidade.

O uso da tecnologia propicia às pessoas de diferentes idades, classes sociais e regiões acesso à informação e vivência de conteúdos. Para tanto, os profissionais devem ter a competência pedagógica para implicar estratégias eficientes sem perder de vista o foco educacional.

5 O DESAFIO DO DOCENTE NA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA

É difícil pensar num professor/educador pronto para uma prática efetivamente educ comunicativa. Ou falta o conhecimento técnico da área da comunicação ou ele não está preparado para uma licenciatura. É importante uma integração entre as áreas para que um primeiro desafio, o do desconhecimento, já seja vencido. Porém muitos outros desafios deverão ser superados. É o que este capítulo vai mostrar.

Os objetivos da educ comunicação, segundo o professor Soares (2011), são vários, como por exemplo o progresso do coeficiente comunicativo do sistema educacional, o incentivo à análise crítica da mídia de massa, o uso adequado dos recursos da informação em ações educativas e o desenvolvimento da capacidade de expressão. E neste panorama, os desafios docentes são muitos.

Fígaro (2011) encara a escola como mediadora e os professores como mediadores diferenciados que a todo o momento podem ter o retorno do seu discurso. Segundo a autora, é preciso, no entanto, que o professor questione sempre a sua prática. Para fazer isso, deverá abandonar o discurso pouco proveitoso de sacramentar a mídia como ótima e trazê-la para dentro da sala sem nenhum senso crítico, ou seja, sem vinculá-la a realidade social, utilizando-a apenas como instrumento ou ferramenta; ou ainda não levar nada disso para a sala baseados na prerrogativa de que os meios são instrumentos de alienação. “É necessário ampliar o campo de visão. Ver os meios de comunicação também como produtos do trabalho social” (FÍGARO, 2011, p. 97).

Sob a característica mediadora da mídia, Edgar Morin (2003, p. 10) enfatiza que:

Pesquisas já mostraram que a mídia pode influenciar a vida das pessoas, mas que ela não desempenha um papel determinante no essencial. [...] Pode-se amar o futebol e ter consciência da realidade social. Quando falta essa consciência o responsável não é o futebol, mas certamente a situação política, social e educacional do país. Ver telenovelas não impede de ter consciência política e de contestar as injustiças sociais.

Para se adaptar a esta nova realidade, o docente precisa reconhecer o papel da tecnologia como um recurso de aprendizagem e entender-se cada vez mais como um orientador e cooperador do aluno no processo de construção do

conhecimento. No entanto, os educadores necessitam de auxílio para entender e colocar em prática essas novas posturas. Para que ocorram as transformações esperadas o professor deverá saber lidar criticamente com as TICs e utilizá-las pedagogicamente.

É necessário, igualmente, trabalhar com o conhecimento adquirido e com a busca de novas informações ao se capacitar continuamente para acompanhar as mudanças. Cabe ao docente assumir a postura de questionamento e criticidade diante das informações, bem como exercer o papel de orientação e cooperação com os discentes, ensinando-os a aprender e aprender ensinando. O professor precisa se sentir sujeito da tecnologia e não subordinado à ela.

Citelli (2006) em um artigo menciona que Gilberto Dimenstein em sua coluna na Folha de S. Paulo (27/1/2003) apontava a existência da perspectiva educadora no trabalho do Dr. Dráuzio Varella. E dizia estar usando o conceito, “que começa a circular no meio acadêmico” por visualizar no médico um educador que consegue passar o conhecimento científico qualificado, conciliando mecanismos de divulgação científica por meio da mídia. Discussões como prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, males do fumo, cuidados com a saúde, ganharam o tom didático que só alguém com domínio da linguagem jornalística, radiofônica ou televisiva poderia fazê-lo.

Segundo Cortelazzo (2005), é essencial que o docente se aproxime dos meios comunicacionais, familiarize-se com eles, apropriando-se de suas potencialidades, controlando sua eficiência e seu uso, para então criar novos saberes. No entanto, é enorme a hesitação, incerteza e insegurança dos professores sobre a melhor forma de utilização dos meios de comunicação em sala de aula.

Conforme especialistas como Moran (1993), a escola ainda considera contraditória a associação entre os meios de comunicação e a sociedade. Por um lado, a mídia, de uma maneira geral, tem sido duramente criticada pelo sistema educacional, por servir como um condutor para a sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 1990).

Educadores reconhecem e é inegável que os meios de comunicação chamam muito mais a atenção dos jovens do que a escola. Outra dificuldade sobre o uso da mídia como material pedagógico relaciona-se à formação do professor que valoriza, sobretudo, a técnica de aula expositiva como forma de transmissão de conteúdo (MORAN, MASETTO e BEHRENS, 2000).

Por fim, a maioria dos professores desconhece as etapas e peculiaridades da produção jornalística. Esta pode ser a principal dificuldade e que deve receber especial atenção. Pois, para melhor utilização da mídia como material pedagógico, o professor deve compreender o processo de produção jornalística, assim como suas limitações. Deve entender que todo o produto jornalístico é produzido por uma pessoa, que carrega consigo sentimentos ou pode traduzir um pensamento do veículo o qual representa.

Autores como Traquina (2005), Pena (2005) e Souza (2002) avaliam que o entendimento do processo de produção jornalística deve partir do pressuposto que as informações noticiadas – principal produto do trabalho jornalístico – não representam um reflexo objetivo dos acontecimentos do cotidiano e estão carregadas de subjetividade e muito dependente de juízos de valor, experiências, atitudes e expectativas de repórteres, pauteiros e editores.

A Educomunicação ressalta a importância da criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos nas escolas, através da inserção de meios de comunicação nos espaços educativos (SOARES, 2002). Para isso, o primeiro passo é capacitar professores para o uso das diferentes linguagens midiáticas em sala de aula, pois a familiarização de educadores e educandos com os meios de comunicação possibilitará uma melhor utilização da mídia e sua análise crítica. A partir daí, então, os alunos poderão desenvolver um olhar crítico em relação à produção midiática e produzir seu próprio material jornalístico, valorizando temáticas de seu interesse e da comunidade escolar.

É perceptível, no país, o fortalecimento de uma rede de apoio à formação de professores interessados em utilizar a mídia em sala de aula. Mas, para a maioria dos professores, a utilização da mídia – e mais do que isso, a produção de produtos impressos – em sala de aula ainda representa uma novidade.

Paralelo a esta realidade, os profissionais da educação defrontam-se hoje com exigências de ordens diversas no sentido de incorporarem à sua prática em sala de aula as tecnologias de informação e comunicação (TICs). Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs e PCNEM) recomendam o uso dessas tecnologias: "É indiscutível a necessidade crescente do uso de computadores pelos alunos como instrumento de aprendizagem escolar, para que possam estar atualizados em relação às novas tecnologias da informação e se instrumentalizarem para as demandas sociais presentes e futuras" (BRASIL, 1998,

p. 96). Segundo Brasil (1999, p. 134), "as tecnologias da comunicação e da informação e seu estudo devem permear o currículo e suas disciplinas".

Em contrapartida, devemos aqui enfatizar os desdobramentos negativos da implantação de tecnologias nas escolas. O docente muitas vezes não dispõe de tempo necessário para preparar suas aulas de forma que os alunos possam obter as informações desejadas. A jornada dupla ou tripla, os afazeres familiares, as salas de aula com espaço físico reduzido e em péssimas condições, a falta de equipamentos necessários são grandes empecilhos para a não-implantação das tecnologias (CYSNEIROS, 1999). Segundo este autor (1999, p. 12), "o professor encontra-se sobrecarregado com aulas em mais de um estabelecimento, falta-lhe tempo para estudar e experimentar coisas novas, recebe baixos salários".

A comunicação/educação, de acordo com Baccega,

[...] inclui, mas não se resume à educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso das tecnologias em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios, etc. Tem, sobretudo, o objetivo de construir a cidadania, a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado. Para uma atuação com êxito, no âmbito da educação/comunicação, a autora cita alguns desafios que devem ser transpostos: (BACCEGA, 2011, p. 32)

Primeiro desafio: enfrentar a complexidade da construção do campo comunicação/educação como um novo espaço teórico capaz de fundamental prática de formação de sujeitos conscientes. A interpretação do mundo em que vivemos, mundo em cuja construção os meios de comunicação têm importante papel, pois são os meios de comunicação que selecionam o que devemos conhecer, os temas que deverão ser pautados para discussões, e, mais do que isso, o ponto de vista a partir do qual vamos ver as cenas escolhidas para compreender esses temas. Os meios de comunicação se constituem em educadores privilegiados e parece que têm levado vantagem.

Segundo desafio: entender que o campo da comunicação/educação não se reduz à eterna discussão, por exemplo, sobre o uso das tecnologias no ambiente escolar. Esta discussão deve ser ampla. Para dar conta desta complexidade, o campo educação/comunicação obriga a inclusão de temas como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do professor, recepção, contextualização sociocultural da realidade, consumo/consumidor, entre muitos outros.

Terceiro desafio: avançar na elaboração do campo, mostrando comunicação/educação como o lugar onde os sentidos se formam e se desviam, emergem e submergem: a sociedade, com seus comportamentos culturais, levando-se em conta, principalmente, a pluralidade dos sujeitos – a diversidade.

Quarto desafio: conhecer a diversidade de que a multi, inter e transdisciplinaridade estão plenas e reconhecer que o campo só pode ser pensado a partir delas. As pesquisas que resultam desse diálogo entre os saberes apontam os meios de comunicação como um dos maiores produtores de significados compartilhados que jamais se viu na sociedade humana. Apontam também para a aproximação, a queda de barreiras, de limites. Reconhece-se a forte incidência dos meios em combinação com as demais agências de socialização sobre a tessitura da cultura, sobre a realidade social. Eis a importância deste campo.

Quinto desafio: Verificar criticamente que a realidade em que estamos imersos e contribuímos para produzir, modificar e reproduzir é sempre uma realidade mediada e mediatizada. É desafio do campo comunicação/educação levar a saber a ler e interpretar o mundo que nos é passado como sendo a totalidade e conseguir reconfigurar esta totalidade, partindo de sua materialidade. Deste modo, obter-se-á uma leitura mais científica dos meios, mais crítica e menos de senso comum. Essa leitura de senso comum contribui para a manutenção do *status quo*, pois se trata de uma recepção acrítica.

Sexto desafio: compreender por que a realidade contemporânea exige que o conceito de campo cultural seja mais inclusivo, ou seja, que nele esteja um conjunto de relações sociais que incluem atores, instituições e empresas públicas ou privadas, que se voltam para a produção e circulação de bens simbólicos. Constar que também no consumo de bens materiais/simbólicos tem predominado o aspecto simbólico, revelando que nesta sociedade da mercadoria só existe o valor da troca. O campo cultural, assim conceituado, comporta tanto aqueles que produzem nos limites das artes tradicionais, quanto, num sentido ampliado, todos os sujeitos envolvidos no processo da produção, distribuição e circulação dos bens simbólicos, os quais se concretizam nas modernas formas de comunicação. Essa ampliação e

complexa inserção no campo cultural, novos atores, assim como a presença popular na arte são desafios da comunicação/educação.

Sétimo desafio: Conhecer e vivenciar os desafios e as novas concepções de tempo e espaço. O tempo, para nós continua o mesmo, embora seja percebido de modo diferente, dado o acúmulo de informações e graças às modificações do conceito de espaço: vai-se daqui ao Oriente Médio ao mesmo tempo que se vai da cozinha para a sala. A sociedade é atropelada pelo desfile infindável de fatos escolhidos para compor a narrativa do mundo.

Oitavo desafio: é necessário ir do mundo editado à construção do mundo. O mundo chega através de relatos repletos de subjetividade de quem os produz. Eis o desafio da reflexão sobre o campo da comunicação/educação: se a realidade é editada ela obedece a interesses de diferentes tipos, sobretudo econômicos. É preciso dar condições plenas aos receptores, sujeitos ativos, para, ressignificando-os a partir de seu universo cultural, sejam capazes de participar da construção de uma nova variável histórica.

Nono desafio: para estudar o campo comunicação/educação é preciso estabelecer um diálogo mais amplo entre os saberes. Por exemplo: dizer que morrem x marginalizados por semana na periferia de São Paulo pouco vale. Isso só adquirirá sentido se relacionado aos demais domínios da sociedade, como questão de distribuição de renda, facilidade do comércio de armas, tráfico, etc. Informações fragmentadas não são suficientes para que se consiga analisar criticamente o que aparece como dado.

Décimo desafio: levar o sujeito a ter consciência da construção da cultura na qual vivemos, da importância da comunicação na trama da cultura e, sobretudo, levá-lo ao conhecimento e à reflexão sobre as mediações que conformam nossas ações. Levar ao conhecimento dos sujeitos como as práticas midiáticas colaboram para a configuração de sua identidade.

Consideramos que compete à comunicação/educação levar os sujeitos a construir novos modos de atuação na mídia e no mundo. O campo não pode ser

confundido com atividades em sala de aula que levam os educandos a reproduzirem o que já estão habituados a ver, como por exemplo, o modo como se apresenta o Jornal Nacional. Essa imitação, muitas vezes com o incentivo dos professores, leva à reprodução de valores hegemônicos.

Neste âmbito da educomunicação, o jornalista poderá exercer o papel de contribuir nesta capacitação, uma vez que, familiarizado com os recursos e tendo conhecimento das mídias, poderá auxiliar com seus conhecimentos, oferecendo aos profissionais do magistério suporte para o uso devido da mídia no processo de construção do conhecimento.

6 METODOLOGIA

Buscando um aprofundamento da pesquisa, com base numa realidade específica, foi realizada uma pesquisa de campo, com a finalidade de coletar dados significativos para o embasamento de conclusões da problemática proposta. É importante ressaltar que “uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais” (DUARTE, 2002, p. 140).

A condução da presente pesquisa se dá por modo descritivo, do ponto de vista de seus objetivos (GIL, 1991, apud SILVA; MENEZES, 2005, p. 21), “pois visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis referentes ao tema educomunicação”.

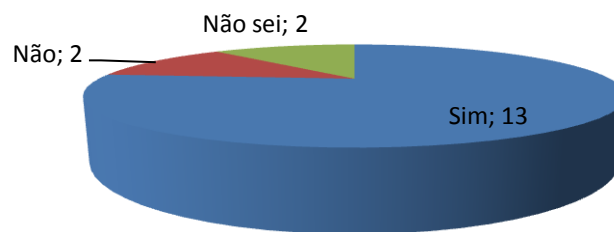
O método de abordagem empregado é qualitativo, “pois a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (GIL, 1991, apud SILVA; MENEZES, 2005, p. 21) A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Foi aplicado um questionário aos formandos 2011 do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc), abrangendo 17 acadêmicas de oitava fase, com o objetivo de investigar se estes estão familiarizadas com este novo conceito. Entre as indagações, se eles estão preparados para esta nova realidade da educomunicação, se já se utilizam de alguma prática educ comunicativa e quais são os principais entraves para que se efetive esta prática em sala de aula, por meio de perguntas abertas, fechadas ou de múltipla escolha. A escolha dos profissionais em final de formação contempla dois ganchos desta pesquisa, um relativo aos profissionais e sua atuação, pois a maioria já atua na área da educação, bem como a formação destes educadores.

7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem a finalidade de apresentar, conforme descrito na metodologia, a análise dos dados coletados na pesquisa. Dos acadêmicos que cursam a última fase do curso de Pedagogia, 17 contribuíram para a realização da pesquisa. É importante destacar que as perguntas do questionário focavam a experiência acadêmica e também a docente. Dos 17, quatro ainda não atuavam na área da educação e não puderam contribuir para o segundo enfoque.

No decorrer do seu curso de pedagogia, alguma disciplina foi voltada ao estudo da Comunicação na Educação?



1 Curso de Pedagogia - fonte: acadêmicos pesquisados

O primeiro questionamento estava relacionado à experiência acadêmica. Ao serem inquiridos se “no decorrer do seu curso de pedagogia, alguma disciplina foi voltada ao estudo da Comunicação na Educação”, 13 dos 17 afirmaram que cursaram alguma disciplina no curso de graduação com o objetivo de capacitá-los para atuar com a comunicação (ou meios de comunicação) em sala de aula. Porém, analisando o quadro de disciplinas do curso de licenciatura em questão, observamos não existir referência a Comunicação ou Educomunicação. Na sétima fase do curso consta a disciplina Ensino e Aprendizagem no Mundo Digital, que pode ter levado os acadêmicos a chegar a esta conclusão.

Ao serem perguntados se possuem computador com internet em casa, apenas 1 respondeu Não. Os 16 que responderam Sim sinalizam um ponto positivo. É importante ressaltar que os futuros professores, pelo menos os que são objeto desta pesquisa, demonstram estar em constante pesquisa e preocupados com o

ritmo tecnológico que move a sociedade atual.

Com relação à pergunta: “Você considera importante o uso das tecnologias como aliado na prática pedagógica? Comente”, todos os 17 consideraram importante.

Alguns comentários merecem destaque:

“Sim. É necessário que o professor acompanhe o desenvolvimento da tecnologia e diversifique a sua metodologia”.

“Sim. Pois ajuda na prática pedagógica auxiliando na cativação dos educandos junto aos conteúdos, tornando a aprendizagem com sentido e significado”.

“Sim. Porque hoje não dá mais para viver sem este meio de comunicação”.

“Sim. Pois é mais um atrativo que sendo bem usado é um ótimo instrumento pedagógico”.

“Sim. Permite ao educador instruir seus alunos a uma pesquisa/uso das tecnologias a fim de acelerar o processo de ensino aprendizagem com consciência e ética”.

“Sim. O uso das TICs auxilia como um recurso a mais educacional quando inserido de uma forma contextualizada. Além disso, põe em prática uma das funções sociais da escola que é preparar o indivíduo para a sociedade”.

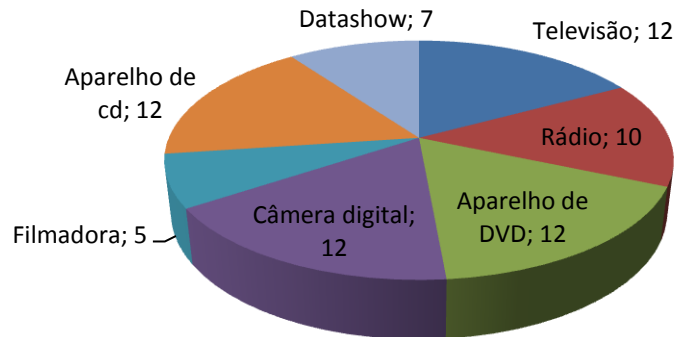
O que chama atenção nos comentários é que a maioria desenvolveu um raciocínio colocando a tecnologia como recurso didático. É importante tomar cuidado com esta afirmação, pois,

a transmissão de informação é a tarefa mais fácil e onde as tecnologias podem ajudar o professor a facilitar o seu trabalho. Um simples CD-ROM contém toda a Enciclopédia Britânica, que também pode ser acessada on-line pela Internet. O aluno nem precisa ir a escola para buscar as informações. Mas para interpretá-las, relacioná-las, hierarquizá-las, contextualizá-las, só as tecnologias não serão suficientes. O professor o ajudará a questionar, a procurar novos ângulos, a relativizar dados, a tirar conclusões. (MORAN, 2009, p. 155)

Quatro questões levavam em consideração a possibilidade dos futuros pedagogos já atuarem na área. Dos 17 acadêmicos, 13 já trabalhavam na área da educação, sendo que uma não atuava em sala de aula. Foi questionado se a escola em que trabalham possui equipamentos audiovisuais, para obter-se indicadores das

ferramentas tecnológicas disponíveis nas escolas:

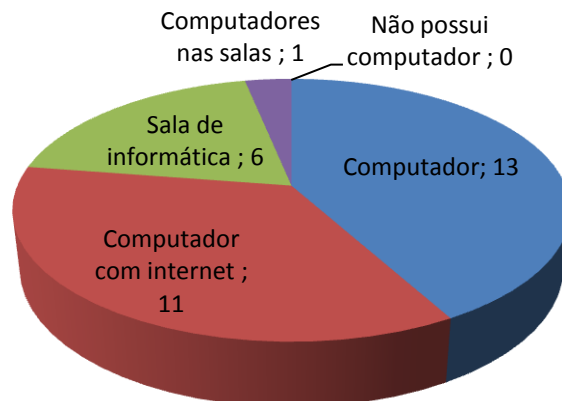
A escola em que você trabalha (caso lectione), possui os seguintes equipamentos audiovisuais:



2 Equipamentos nas escolas - fonte acadêmicos pesquisados

Citelli (2011, p. 69) observa que, nos últimos anos as escolas vêm se equipando de recursos audiovisuais. Itens como os que aparecem na pesquisa têm se tornado presentes nas escolas, o que representa uma tentativa de acompanhar o ritmo intenso das mudanças ocorridas no âmbito das tecnologias. Nossa pesquisa comprova esta afirmação, já que a maioria dos entrevistados listou os equipamentos os quais a escola disponibiliza, o que consideramos um número expressivo de tecnologias à disposição. Duas questões tinham como objetivo detalhar como o computador está sendo utilizado na escola.

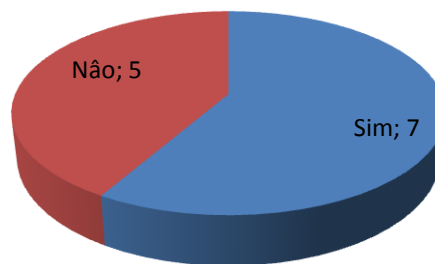
A escola na qual você trabalha possui:



3 Utilização dos equipamentos nas escolas - fonte: acadêmicos pesquisados

Percebemos, por meio dos dados, que a maioria das escolas que são objeto desta pesquisa, possui computador com Internet, ou seja, os professores atuam numa realidade de proximidade com as ferramentas tecnológicas. Porém, o próximo quadro nos revela que ainda existe uma divisão praticamente igual dos alunos que utilizam e dos que não utilizam o computador na escola. Sabemos que, em determinados contextos, a escola é a única relação de proximidade do aluno com os meios tecnológicos.

Os seus alunos utilizam computador na escola?



4 Uso do computador na escola - fonte: acadêmicos pesquisados

Dentre os fatores que impedem ou dificultam o uso das tecnologias na prática docente, um entrevistado pontuou: “Não disponho de equipamento adequado em meu local de trabalho”. Dois assinalaram que a instituição não incentiva o uso desses recursos e mais dois que não há profissionais na instituição para o apoio técnico necessário. Outros dois não possuem dificuldades e cinco não responderam a esta pergunta.

Há um descompasso crescente entre os modelos tradicionais de ensino e as novas possibilidades que a sociedade já desenvolve informalmente e que as tecnologias atuais permitem. A maior parte do que se ensina não é percebido pelos alunos como significativo.

Uma boa escola depende fundamentalmente de contar com gestores e educadores bem preparados, remunerados, motivados e que possuam comprovada competência intelectual, emocional, comunicacional e ética. Sem bons gestores e professores nenhum projeto pedagógico será interessante, inovador. Não há tecnologias avançadas que salvem maus profissionais. São poucos os educadores e gestores pró-ativos, inovadores, que gostam de aprender e que conseguem por em prática o que aprendem. Temos muitos profissionais que preferem repetir modelos, obedecer, seguir padrões, que demoram para avançar. São mais os que adotam uma postura dependente do que os autônomos, criativos, pró-ativos. Sem pessoas

autônomas é muito difícil ter uma escola diferente, mais próxima dos alunos que já nasceram com a Internet e o celular. Uma boa escola precisa de professores mediadores de processos de aprendizagem vivos, criativos, experimentadores, presenciais-virtuais. De professores menos “falantes”, mais orientadores; de menos aulas informativas e mais atividades de pesquisa, experimentação, desafios projetos. (MORAN, 2011)

Com relação à pergunta central desta pesquisa, “O que é Educomunicação”, as respostas pareceram vagas e sem fundamentação. Durante a realização da entrevista houve muitos questionamentos sobre o tema, sendo que todos desconheciam. Exponho algumas das respostas, todas baseadas em senso comum:

“Educar para saber se comunicar”.

“É educar com os tipos de comunicação”.

“Em minha compreensão é utilizar os meios de comunicação e multimídias para auxiliar no processo de ensino aprendizagem dos alunos”.

“Acredito ser uma educação voltada aos recursos tecnológicos de comunicação”.

“Metodologia pedagógica que utiliza recursos tecnológicos?”

“Seria o uso das tecnologias na sala de aula?”

A maioria dos entrevistados, nove no total, descreveram a Educomunicação como Uso das tecnologias em sala de aula. Sabemos que a Educomunicação vai muito além da utilização das ferramentas tecnológicas e recursos comunicacionais dentro de sala de aula, e o fato das futuras pedagogas não conhecerem o tema, mesmo que superficialmente, causa preocupação, pois este conceito está intrinsecamente ligado à construção do cidadão crítico, ético e protagonista.

Está disponível no site da Unesc, dentro dos objetivos do curso, o que o pedagogo irá aprender, e entre os tópicos consta: conhecimentos técnicos para o desenvolvimento de habilidades como criticidade, criatividade, responsabilidade, autonomia, investigação científica e comprometimento com a educação transformadora.

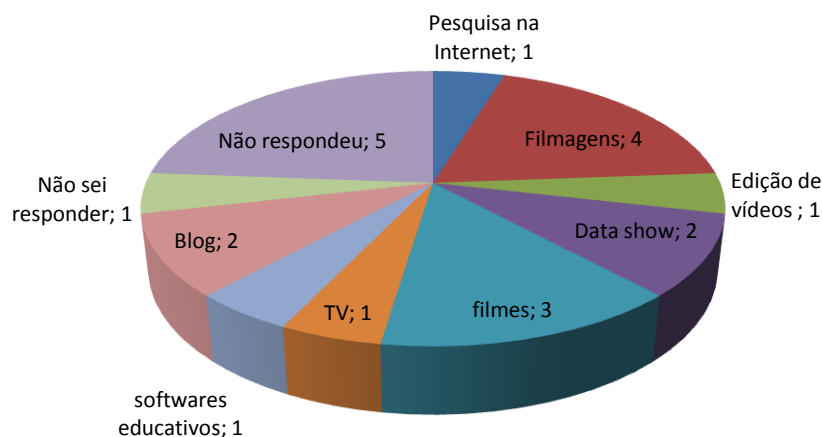
A despeito de recortarmos uns poucos dados, é possível reconhecer e identificar o problema central que diz respeito à formação para trabalhar com a comunicação nos ambientes educativos. Os motivos da preocupação parecem claros, afinal, os docentes continuam sendo o grande agente mediador dos nexos com os discentes, que, por seu turno, estão marcados pela sociedade da informação e da comunicação. (CITELLI, 2011, p. 63):

Concordamos com Alves (2006, p. 124), quando observa que

É necessário lembrar que a pedagogia desenvolvida no movimento de ideias da obra do educador brasileiro Paulo Freire se dirige às sociedades que atravessam processos de intensa mudança. Portanto, dirige-se a pessoas, grupos e instituições que sofrem mudanças e são sensíveis a ela. E, na medida em que essa pedagogia se realiza como ação cultural a favor da equanimidade social, sua presença ativa constitui-se ação comunicativa que capacita grupos sociais, instituições e sociedades a uma ação dialógica crescente, que é da natureza da liberdade e da autonomia educacional.

No que diz respeito à utilização de alguma prática educomunicativa, as respostas continuaram a ser embasadas no senso comum, sendo que a maioria não respondeu ou não soube responder. Percebemos que, algumas pessoas que ainda não lecionam deixaram esta pergunta em branco, porém, todas já concluíram estágios e puderam entrar em contato com a prática educativa.

Você já utilizou alguma prática que considera educomunicativa? Qual?



5 Utilização de prática educomunicativa - fonte: acadêmicos pesquisados

Na última pergunta, percebemos contradição. Apesar de desconhecermos e basearem suas respostas no conhecimento empírico, quando questionados: “Você

se considera preparado para promover uma prática educomunicativa?”, oito responderam que se sentem preparadas, com formação técnica e que tiveram disciplina na graduação voltada ao uso das tecnologias da educação. Três não responderam; três afirmaram que precisam de formação ou embasamento teórico e três não se consideram preparadas.

Para Moran (2011),

[...] educar é colaborar para que professores e alunos nas escolas e organizações transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos.

8 CONCLUSÃO

Esta pesquisa surgiu com o intuito de apontar quais são os desafios dos educadores frente a uma nova realidade. Num momento que a escola deve se preocupar com dimensões políticas e formar cidadãos, e ainda tem de conviver com o desafio de articular diferentes áreas. As crianças de hoje têm uma percepção muito avançada da sua realidade, e têm acesso à tecnologia e aos meios de comunicação, principalmente os de massa. Com isso surge a preocupação dos profissionais estarem preparados para auxiliar seus alunos a fazer este filtro de informações. Ainda buscar uma prática democrática e principalmente inclusiva, dando voz, escutando e conhecendo a realidade do seu aluno.

Após a análise dos dados, é importante perceber que o desconhecimento do tema Educomunicação pode ser um dos desafios a serem vencidos. Educadores devem, ao menos, sair da Universidade, após cursar uma licenciatura, conhecendo as tendências da educação atual. Falar na utilização dos meios de comunicação e tecnologias como ferramenta baseados no senso comum dá margem à exclusão. Essa afirmação faz questionar que os alunos das instituições de ensino que sofrem com carências de recursos tecnológicos não serão formados com uma visão crítica e reflexiva do mundo a sua volta? A educomunicação ultrapassa os limites e os muros da escola. Ela integra comunidade e tudo o que está em sua volta. E pensar em tecnologia em educação, pode ser quadro e giz.

É possível educar de maneira simples, utilizando lápis e papel, o que acreditamos não faltar nas escolas. E, se faltar, é preciso comprometer a comunidade em sua volta, buscando soluções para o problema. Educomunicação é engajamento, é soma de forças buscando um objetivo comum, uma mudança de realidade. O principal desafio para os docentes é o conhecimento, ou melhor, vencer a falta dele, buscando formação.

Sair com os alunos pelo bairro, constatar problemas de falta de pavimentação, saneamento, entre outros, e fazer uma discussão em sala de aula, que poderá culminar com a entrega de um ofício ao Prefeito pontuando as devidas solicitações, é um exercício de Língua portuguesa e, ao mesmo tempo, de cidadania.

É isso que provoca a Educomunicação: uma transformação, a construção de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres. É urgente que os educadores

também tenham esta visão, porque eles têm nas mãos a chave para esta transformação. Se ficarem esperando a tecnologia cair do céu, ou lamentando a falta de recursos que poderão ser ferramentas para tornar a aula mais atrativa, continuaremos na mesmice. É preciso inovar. E inovar, muitas vezes, é utilizar o que já se tem em mãos, com criatividade e com um olhar mais amplo para a realidade.

Como indicou Citelli (2011, p. 60), “as licenciaturas são, ainda, concebidas segundo uma estrutura segmentada e têm por objetivo promover as competências docentes em condições de responder às solicitações disciplinares que constituem os currículos do ciclo básico continuado”. Vemos que as escolas estão ainda muito preocupadas em ensinar as disciplinas sistematizadas, e nem este papel tem sido feito com qualidade.

Quando Rubem Alves nos fala das “escolas que são asas e escolas que são gaiolas”, devemos pensar qual aluno/educando estamos nos empenhando em formar, e refletir sobre isso todos os dias, porque o professor/educador é espelho para seus alunos/educandos.

O professor deve ir além dos conteúdos, dialogar saberes, conhecer a sua realidade, ter uma escuta atenta aos problemas dos seus alunos, ser observador. Enfrentados os desafios (BACCEGA, 2011, p. 41), “a comunicação/educação estará pronta para levar os alunos a uma produção que valorize elementos culturais de onde vivem, que abra debates sobre a dinâmica da sociedade, sua inserção na totalidade do mundo, “conhecendo-o para modificá-lo, reformando-o ou revolucionando-o, numa nova linguagem audiovisual, num novo mundo”.

Quer seja no espaço formal ou nos espaços informais, a educomunicação traz a reflexão de ser um campo ou área capaz de construir politicamente sujeitos e comunidades para o exercício da cidadania. O que realmente deve ser considerado na prática educ comunicativa é o compromisso com a transformação dos modelos atuais de se comunicar e educar. Para isso, educomunicação tem explicito a sentido de ação, ou interesse e iniciativa dos que acreditam que por meio da educação é possível vencer alguns dos problemas da sociedade atual. É difícil vencer os obstáculos, mas não é impossível. “Ser professor hoje não é nem mais difícil nem mais fácil do que anos atrás. Só é diferente. Mudou a velocidade com que a informação circula, envelhece e morre” (GADOTTI, 2003, p. 15). E para atuar neste mundo em constante mudança, é fundamental a formação.

Moran (2009, p. 65) enfatiza a importância de “sensibilizar e capacitar” os educadores para práticas ou ações inovadoras, que explorem mais possibilidades em suas atividades didáticas. Que o professor deve sair mais com seus alunos da sala de aula e promover o contato com as pessoas, no cotidiano dos bairros. Trabalhar também os pais e finalmente, “inserir a escola como organização que dissemina na cidade a sua visão empreendedora”. O autor fala da formação do aluno-empREENDEDOR.

E, finalmente, as palavras de Gadotti (2003, p. 17) são como bálsamo para refletirmos sobre a docência neste novo cenário. Para ele:

[...] ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores de palavras, dos marqueteiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber – não o dado, a informação, o puro conhecimento – porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.

REFERÊNCIAS

ANGELIM, M.L.P. A Teleducação nos tempos da internet. In MELO, J. M. et al (orgs.) **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún**. São Bernardo Campo: Cátedra UNESCO: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educomunicação e a construção de uma nova variável histórica. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 31-41.

BACCEGA, Maria Aparecida. Da Informação ao Conhecimento: a ressignificação da Escola. **Comunicação & Educação**, São Paulo, p.7-16, set. 2001.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BOCK, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 1999

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e Educação: Implicações Contemporâneas. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 59-76.

CITELLI, Adilson Odair. **Meios de comunicação e Educação: Desafios para a formação de docentes**. Unirevista, São Paulo, p.1-13, jul. 2006.

CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

CORTELAZZO, Iolanda. **Pedagogia e as novas tecnologias**. Disponível em <http://www.boaaula.com.br/iolanda/producao/mestradoemeducacao/pubonline/cortelazzoart.html>. Acesso em 02 jan 2011.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora?**. 1999. Disponível em: <http://www.colombiaaprende.edu.co/html/mediateca/1607/articles-106213_archivo.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2009.

DACORÉGIO, Marlete dos Santos. **Ação Docente: uma ação comunicativa**. Videira: Ed. UNOESC, 2000.

DEMO, Pedro. Oportunidades e Desafios das tecnologias em educação. In: **Formação Permanente e Tecnologias Educacionais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p. 77-101.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões**. Cadernos de Pesquisa, Rio de Janeiro, n. , p.139-54, mar. 2002.

FÍGARO, Roseli. Estudos de Recepção para a Crítica da Comunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 91-98

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

_____. **Boniteza de um sonho: Ensinar e aprender com sentido**. Criciúma: Secretaria Municipal de Educação, 2003.

GUARESCHI, Pedrinho A. A realidade da comunicação – visão geral do fenômeno. In: _____. (Coord.). **Comunicação e controle social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

JESUS, Antônio Carlos de. Educação e novas tecnologias. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Loyola, 1986.

KAPLÚN, Mário. Processos Educativos e Canais de Comunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 175-186.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling (Org.). **Comunicação e Educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

LORENZOM, Adriane. **Poder local no ar: municipalização das rádios comunitárias e fortalecimento de esferas públicas locais no Brasil**. Brasília: Abravídeo, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios Culturais: Da Comunicação à Educomunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. P. 121-134.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas**. Campinas: Papirus, 2000.

MORAN, José Manuel. **A Educação que Desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Campinas: Papirus, 2009.

_____. **A escola que desejamos e seus desafios**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/escola.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

_____. **As mídias na educação**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/midias_educ.htm>. Acesso em: 14 nov. 2011.

_____. **Leitura dos meios de comunicação**. São Paulo: Pancast, 1993.

MORIN, Edgar. **A comunicação pelo meio** (teoria complexa da comunicação). In: *Revista FAMECOS*, nº 20. Porto Alegre, 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PENIDO, Anna. **Educação pela comunicação**. In: Caderno preparatório para a 1ª Conferência de Comunicação Social da Bahia. Salvador: Egea, 2008.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: Reflexões e Princípios**. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

SCHMIDT, Beatriz. **Interação e Práticas Sociais**. In: *Revista Comunicação e Educação*. São Paulo. 2005.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, Érica Daiane da Costa. **Educomunicação: um campo essencial na construção de uma nova sociedade**. *Revasf* Vol. 1, Salvador, n. 1, p.91-95, jun. 2010.

SIQUEIRA, Juliana Maria de. **Quem educará os Educadores? A Educomunicação e a Formação de Docentes em Serviço**. 2009. 359 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Departamento de Comunicação e Artes, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2009.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e cidadania: a construção de um campo a partir da prática social**. In: PERUZZO, Cecília Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). *Comunicação para a cidadania*. São Paulo: INTERCOM; Salvador: UNEB, 2003.

_____. **Sociedade da informação ou da comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.

_____. **Gestão Comunicativa e Educação: Caminhos da Educomunicação**, in *Comunicação & Educação*, n 23, jan/abril 2002, p. 16-25.

_____. Educomunicação: Um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Org.). **Educomunicação: Construindo uma nova área do conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 13-29.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

XVIII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação. São Paulo: USP, 2007.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**PESQUISADOR:** Patrícia Nonnenmacher**ORIENTADOR:** Nádia Couto**MOTIVO DA PESQUISA:** Desenvolvimento de Monografia de Pós-Graduação em Docência no Ensino Superior**OBJETIVO:** Analisar quais são os desafios dos docentes para a promoção de uma prática educ comunicativa e transformadora e se estes professores/educadores estão preparados para atuar frente a esta nova proposta educ comunicativa**TÍTULO DA PESQUISA:** “A Educ comunicação e os desafios da prática docente”**No decorrer do seu curso de pedagogia, alguma disciplina foi voltada ao estudo da Comunicação na Educação?**☐ sim ☐ não ☐ não sei**Você possui computador com Internet na sua casa?**☐ sim ☐ não ☐ não sei**Você considera importante o uso das tecnologias como aliado na prática pedagógica? Comente**

A escola em que você trabalha (caso lectione) possui os seguintes equipamentos audiovisuais:Televisão ☐Rádio ☐Aparelho de DVD ☐Câmera digital ☐Filmadora ☐Aparelho de CD: ☐Datashow ☐Outros: ☐

A escola na qual você trabalha possui: (pode assinalar mais de uma resposta)

Computador ()

Computador com internet ()

Sala de informática ()

Computadores nas salas ()

Não possui computador ()

Os seus educandos utilizam computador na escola?

() sim () não () não sei

Que fatores impedem ou dificultam o uso das tecnologias na sua prática docente?

() não disponho de equipamento adequado em casa

() não disponho de equipamento adequado em meu local de trabalho

() não tenho o conhecimento necessário para utilizar esses recursos

() não vejo necessidade de utilizar esses recursos na minha disciplina

() a instituição não incentiva o uso desses recursos

() não há profissionais na instituição para o apoio técnico necessário

() meus alunos não têm as condições socioeconômicas necessárias

() o computador está associado à sociedade de consumo e à globalização

() o ambiente virtual é incompatível com as características do ambiente escolar

() não conheço bons materiais educativos construídos com recursos multimídia

() outros:

O que é educomunicação?

Você já utilizou alguma prática que considera educomunicativa? Qual?

Você se considera um profissional preparado para promover uma prática educomunicativa? Por quê?

*** Muito obrigada por contribuir com a realização desta pesquisa.**

Novembro 2011.

ANEXO



Ano 2 — Nº 2

Maio de 2011

Ir. Walmir em Ação

Jornal produzido pelos educandos do Centro Social Marista
Ir. Walmir—Criciúma / SC

Um ano de conquistas

Abigail Pereira e Gabriela Teixeira

A festa de um ano do Centro Social Marista ocorreu em 17 de março e foi muito legal. Contou com muitas apresentações artísticas e culturais, a presença da comunidade, e claro não poderia faltar o bolo.

Os educandos apresentaram poesias e paródias com o Grupo Reciclar Sempre. A comunidade foi acolhida com abraço grátis.

Os educadores conheceram muitas pessoas do bairro Renascer. Neste um ano de história podemos dizer que esta festa representou o tempo que nós passamos juntos, de muita diversão, amizades, aprendizado e muita alegria.



Educandos comemoraram um ano de Centro Social



Nesta edição:

Educadores falam sobre suas Oficinas	04
Eleição dos Representantes dos grupos	02
Futebol de sa- bão marca início das atividades	03
Sou Curioso: Um fusca diferente	04



Pensando na
preservação do
Meio Ambiente,
este Jornal foi
impresso em
papel reciclado!

Em Destaque:

"Maria é o nosso recur-
so habitual. Ela tudo fez
entre nós." Champagnat



A comemoração de Páscoa foi assim...

(Mateus Rossetti)

Realizamos no Centro Social Marista Ir. Walmir a semana da páscoa do dia 20 a 24. Fizemos uma gincana comemorativa com várias brincadeiras, como: a dança do carro, dança da laranja, corrida do balão, escolher nome para a equipe, escolher nome para a gincana, inventar uma mú-

sica para cada equipe, corrida do jornal, entre outras atividades.

Assistimos também o filme "A Fábrica de Chocolate" e durante o filme nós descíamos para fazer o nosso ovo de chocolate. Nessa semana de páscoa tivemos uma visita do Colégio Marista. Vieram os re-

presentantes dos alunos, professores e o pastoralista. E eles trouxeram ovo da páscoa.

Todas as comemorações e atividades foram relacionadas com a ressurreição de Jesus Cristo - simbolizada pela páscoa - bem como as oficinas do Centro Social Marista Ir. Walmir.



Editorial

Esta é a segunda edição do Jornal Centro Social Marista Ir. Walmir o qual foi modificado o nome para **Ir. Walmir em Ação**.

Realizou-se uma votação para escolher o novo nome do jornal, a fim de criar uma identidade jornalística.

Nesta edição resgatamos fatos importantes que ocorreram nos primeiros quatro meses de atividades no Centro Social, visando o protagonismo dos educandos por meio de espaços que promovam a participação.

O jornal foi produzido pelos educandos com a mediação da educado-



ra de Informática Educativa Elaine Biava e a educadora de Comunicação Patrícia Nonnenmacher, o qual integra as ações do Projeto Voz Ativa.

**Daniela Felisberto
Coordenadora Pedagógica.*

Biblioteca será inaugurada em junho

Monique Antunes e Amanda de Souza

A biblioteca do Centro Social está em funcionamento durante o espaço de convivência dos educandos, e será inaugurada oficialmente durante os dias 6,7,8 de junho, com a participação dos educandos, colaboradores e comunidade em geral.

Durante a inauguração terá: conta-

versas.

Marcelo Bresolin, conta que na biblioteca pode-se fazer leituras, pesquisas e expandir o conhecimento. "Com a carteirinha da biblioteca é possível fazer o empréstimo dos livros por até 7 dias, com possibilidade de renovação".

A biblioteca esteve presente com ações durante a Feira Cultural e na Festa de Aniversário do Centro Social.

De olho!



Charge elaborada pela educanda Manoela da Silva Rodrigues, relacionada a Campanha da Fraternidade que tem como tema "Fraternidade e Vida no Planeta".



Eleição dos Representantes

Charles Gomes Pereira

É muito importante ter um representante nos grupos, porque eles são nossa voz. São eles que levam para as reuniões nossas sugestões. A cada dois meses fazemos eleição dos representantes das turmas. A escolha faz parte do projeto Voz Ativa.



Carnaval e Convivência

Carnaval e Código de Convivência foram trabalhos juntos no Centro Social Ir. Walmir. Os educandos ficaram responsáveis por construir paródias de marchinhas e depois organizaram seus blocos para desfilar temas como: respeito, cooperação, educação, entre outros.

Feira Cultural mostra potencial do Renascer

Gabriel Teixeira e Murilo Antunes

O bairro Renascer tem muito a mostrar. E a Feira Cultural Histórias da Comunidade foi uma prova disso. A feira ocorreu em 01 de abril e contou com a presença de muitas pessoas da comunidade.

A primeira apresentação cultural da feira foi o hino nacional e as paródias feitas pelos educandos, apresentada pelo grupo Reciclar Sempre.

A diretora Ione dos Santos falou sobre a importância de mostrar para os outros bairros a cultura do Renascer fazendo ainda um resgate da

história do bairro.

Para o centro social, a feira serviu para mostrar algumas atividades que são feitas nas oficinas para a comunidade. "É importante que o Centro Social e o bairro realizem eventos integrados", disse a diretora.

Sucesso total

A feira cultural foi um sucesso. A educadora de Meio Ambiente e cidadania Rúbia Acordi disse que está muito feliz, pois a feira foi organizada por todos e cada detalhe foi pensando em valorizar e divulgar a cultura do bairro Renascer.



Comunidade prestigiou a feira

"É uma ação do projeto Nosso Bairro desenvolvida na Oficina de Meio Ambiente e Cidadania junto com a colaboração dos educandos, educadores e comunidade.", contou a educadora.

Opinião

Telefones públicos: é grande o problema dos orelhões no bairro e isso não é culpa só do prefeito, mas também de alguns integrantes da comunidade que não cuidam. Devemos nos conscientizar, pois quando estragamos um orelhão estamos estragando um bem nosso. (Sonia Silva Rocha e Melquisedeque Silva Rocha)

Falando sobre o bairro: Construíram as paradas de ônibus no bairro e elas acabaram quebradas. Não sei quem estragou, mas sei que precisamos delas. (Nikolas dos Santos)

Rio do Renascer: O rio que existe no bairro Renascer está poluído porque as pessoas esqueceram de cuidar do ambiente. Quando da chuva forte o rio alaga e prejudica as próprias pessoas que poluíram o rio. (Adisson de Oliveira e Rafael Machado)

Caminhão Amigo: projeto da Prefeitura de Criciúma, esteve no bairro Renascer. Neste dia, as pessoas fizeram sua identidade. Teve corte de cabelo, informática, cama elástica, piscina de bolinhas, pintura de rosto, entre outros serviços. É uma pena que algumas pessoas não colaboraram, e o caminhão teve que ir embora mais cedo, porque começaram a jogar pedra e destruir. (Kevin Figueiredo de Oliveira)

Futebol de sabão na acolhida dos educandos

Murilo Antunes e Kelvin Teixeira

Nos primeiros dias de atividades do Centro Social, estava muito calor, então os educadores surpreenderam os educandos com o futebol de sabão. A atividade foi preparada pelos educadores como acolhida. Em vez de ser um futebol de sabão, foi um escorregador de sabão. Este dia foi muito alegre, pois nós brincamos e nos divertimos muito. As meninas ganharam o Dia da Beleza.



Rádio Voz Ativa agita intervalos

Sandra da Silva e Ana Julia Cornea

A rádio Voz ativa é super legal. Temos piadas, falamos sobre as novelas, temos as notícias do CSM, temos notícias do bairro Renascer e tudo o que a nossa imaginação deixar. A rádio Voz Ativa ensina muitas coisas legais e diferentes.



